

A EXPERIÊNCIA DA 'OFICINA SOBRE ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE' NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES RURAIS NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA BONTEMPO EM MINAS GERAIS

(2011)

Dinazilda Cunha de Oliveira

Mestre em Temas de Psicologia pela Universidade do Porto - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (Portugal). Especialista em Atendimento Sistemático a Famílias e Redes Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Brasil). Formação como psicóloga pela Universidade Federal de Minas (Brasil)

E-mail:

dinacoliveirapsi@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta a Oficina em Dinâmica de Grupos como uma prática de intervenção psicossocial em um contexto pedagógico. A Oficina sobre adolescência e sexualidade foi realizada com professores rurais na Escola Família Agrícola (EFA) Bontempo na cidade de Itaobim, interior do Estado de Minas Gerais, Brasil. A metodologia de Oficinas em Dinâmica de Grupo, desenvolvida pelo LabGrupo da Universidade Federal de Minas Gerais, foi a base para a formulação do projeto que deu origem à ação. Sendo assim, o artigo propõe uma articulação entre a teoria e prática dessa metodologia, configurando-se como um exemplo da práxis psicológica no contexto da educação rural.

Palavras-chave: sexualidade, adolescência, educação rural, intervenção psicossocial, grupo

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a experiência de uma intervenção psicossocial realizada com professores rurais no interior de Minas Gerais, no Brasil. A metodologia de Oficinas em Dinâmica de Grupos foi o suporte teórico utilizado para atender à demanda da Escola Família Agrícola Bontempo, localizada no município de Itaobim.

A cidade faz parte de uma região conhecida como Vale do Jequitinhonha que possui uma imensa riqueza cultural, mas que também sofre com um elevado nível de pobreza. As migrações populacionais, principalmente de jovens que em busca de trabalho deixam o interior e vão para as cidades maiores, fazem parte de uma realidade que as Escolas Famílias Agrícolas pretendem minimizar. O objetivo dessas escolas é oferecer uma educação de qualidade que seja assimilada pelo aluno de forma orgânica e que tenha como conteúdos didáticos além das informações teórico-científicas, dados sobre a sua comunidade rural de origem e a troca entre o que se aprende na escola e a aplicação deste aprendizado na sua família e grupo social.

Desse modo, o jovem que vive no contexto rural além de obter qualificações que o formam para o trabalho no campo, atua também como líder e como agente transformador da realidade social em que vive. Pois o que é aprendido na escola é partilhado na sua comunidade. Além disso, toda a riqueza do saber informal e dos conhecimentos práticos que a comunidade tem no seu trabalho rural é levada para a escola como experiência e como matéria prima para reflexões e aprimoramentos das técnicas utilizadas para o desenvolvimento das atividades de produção.

As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) surgiram na França como resposta à necessidade da educação rural. Essas escolas possibilitaram aos filhos dos camponeses o acesso a um ensino formal (Nascimento, 2004). Para que chegar a este objetivo, utiliza-se a chamada pedagogia da alternância:

Em 1935, diante da realidade camponesa que desafiava todos os setores da sociedade civil francesa, viu-se a necessidade de formar uma educação que respondesse ao cotidiano rural. Surge assim, a Pedagogia da Alternância. As “Maison Familiale Rural” nasceram da sensibilidade do Padre Abbé Granerau, que se viu com o desafio de responder ao clamor dos pobres filhos de agricultores de sua paróquia, os quais sentiam a dificuldade de dar continuidade aos estudos devido à distância e, principalmente, ao problema das escolas centralizarem, no espaço e na pedagogia, somente o universo valorativo urbano. A origem da Pedagogia da Alternância se encontra, assim, dialogicamente unida à estrutura eclesial o que se caracteriza até nossos dias. (Nascimento, p.1 2004)

Assim, a pedagogia da alternância propõe uma prática educativa que leve em consideração o contexto rural dos alunos, além de dividir o tempo do aprendizado entre a permanência na escola e a permanência na comunidade. No contexto brasileiro, as EFAs surgem a partir de 1969, no Espírito Santo, a partir do trabalho missionário do padre jesuíta Humberto Pietogrande (Nascimento, 2004).

A gestão e organização de uma EFA parte de um agrupamento comunitário e formação de uma associação que é a mantenedora e responsável pelo centro educativo, ou seja, pela escola e também pelas decisões pedagógicas tomadas no andamento do projeto. No Brasil, as EFAs estão organizadas em torno da UNEFAB (União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil) e a nível mundial as EFAs estão organizadas em torno da AIMFR (Associação Internacional das

Maison Familiares Rurales), que tem por objetivo representar as EFAs junto a organismos como a ONU, assim como incentivar a pedagogia da alternância a partir das pesquisas junto às universidades do mundo inteiro (Nascimento, 2004).

A AMEFA (Associação Mineira de Escolas Família Agrícola) encaminhou ao LabGrupo da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) a demanda por um projeto de Oficinas em Dinâmica de Grupo que tivesse como tema central a questão da sexualidade na adolescência a ser realizada na EFA Bontempo. Como membro da equipe, coube a mim a tarefa de planejar e executar a intervenção psicossocial solicitada através do trabalho com um grupo de professores e professoras rurais que faziam parte desta Escola Família Agrícola e convidados de outras EFAs. Os encontros foram concentrados em três dias e a Oficina foi realizada no período de 26, 27 e 28 de agosto de 2002.

A ESCOLHA METODOLÓGICA

A metodologia de Oficinas em Dinâmica de Grupo foi utilizada para a realização da intervenção psicossocial solicitada pela escola. A Oficina apropria-se de teorias e técnicas sobre grupo como base de sua fundamentação teórica e caracteriza-se como prática de intervenção psicossocial em contexto pedagógico, clínico, comunitário ou de política social (Afonso, 2000). Tanto em suas bases teóricas quanto em sua forma de organização, a Oficina é originária da pesquisa-ação (Thiollet, 1985; Mailhiot, 1991) e dos grupos operativos (Pichon-Rivière, 2000), além de elementos inspirados pela obra de Paulo Freire.

Essa metodologia foi desenvolvida e sistematizada teoricamente pelo LabGrupo do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, sob coordenação e supervisão da Dra. Maria Lúcia Miranda Afonso, que contou com uma equipe de alunas de pós-graduação e graduação. Fiz parte dessa equipe como orientanda de iniciação científica¹ e bolsista do CNPq² em um projeto que articulava as idéias de Pichón-Rivière e Paulo Freire.

A Oficina na EFA Bontempo foi parte de um projeto maior, realizado pela equipe do LabGrupo da UFMG durante anos e que gerou como fruto várias produções teóricas e práticas no trabalho com grupos. De acordo com Afonso (2000, p.9) a Oficina é definida como:

Um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo propõe elaborar, em um contexto

¹ No Brasil o governo incentiva a formação de pesquisadores desde a graduação, ou licenciatura. Os alunos têm a oportunidade de participarem de projetos orientados por professores doutores e assim iniciam seu aprendizado e sua carreira na investigação científica. E, geralmente, recebem apoio financeiro através de bolsas, que são distribuídas por vários órgãos de fomento, para dedicarem-se à formação como pesquisador.

² O CNPq é uma das principais agências de fomento à pesquisa no Brasil. É responsável pelo investimento financeiro em projetos científicos nas mais diversas áreas da ciência.

social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir.

A Oficina pode ser uma demanda do grupo ou uma proposta do profissional a partir de uma escuta e interpretação da necessidade do grupo social. Após o levantamento da demanda, parte-se para a pré-análise, que possibilita o levantamento dos “temas geradores”. Cada tema gerador é trabalhado em um ou em mais encontros, dependendo do interesse do grupo e do número de encontros combinados.

A Oficina está necessariamente ligada a uma demanda. Para Afonso (2000) a Oficina é útil tanto na área de educação quanto em outras como a saúde, ações comunitárias, políticas sociais, etc. É uma metodologia participativa que busca trabalhar tarefa e subjetividade dentro do grupo. São trabalhadas as duas dimensões da tarefa, nomeadas por Pichon Rivière como tarefa externa e tarefa interna. A tarefa externa corresponde à dimensão prática da aprendizagem. Já a tarefa interna abarca a dimensão psicológica e os entraves que dificultam a realização da tarefa externa.

Consequentemente, o trabalho com o grupo visa a integração de duas dimensões: A verticalidade, que se refere à história de cada participante, e que o leva a uma reatualização emocional no grupo e a um processo transferencial. E a horizontalidade, que se refere ao “campo grupal”, consciente e inconsciente, que vai sendo modificado pela ação e interação dos membros (Pichon-Rivière, 2000).

De acordo com Afonso (2000), apesar do método utilizar tanto a informação como a reflexão, ele se diferencia de um projeto apenas pedagógico, porque trabalha também com os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido. E diferencia-se de um grupo de terapia porque se limita a um foco e não pretende a análise psíquica profunda dos participantes (Afonso, 2000).

Para Enriquez (1997) o grupo pode ser um lugar privilegiado para a compreensão de fenômenos coletivos. Combinando relações de produção e de afeto, o pequeno grupo oferece manifestações de organização, expressão, solidariedade, criatividade dos membros que remetem tanto ao contexto do grupo quanto ao contexto social. Na medida em que é portador de um projeto, o pequeno grupo é ao mesmo tempo analista e ator de sua ação e, portanto, da produção de sua consciência no contexto de sua ação.

Desse modo, ao desenvolver um trabalho com grupos propomos uma transformação que gera mudanças naquelas pessoas, instituição, comunidade, etc. Os participantes atuam como agentes de transformação em suas relações micro e macrosociais.

A Oficina sobre sexualidade e adolescência com os professores da EFA Bontempo

Aceitar o convite para desenvolver uma Oficina sobre sexualidade e adolescência para professores de uma EFA foi bastante estimulante e desafiador. Aquele convite despertou em mim o olhar para a realidade daquelas pessoas que vivem num contexto e num ritmo de vida totalmente diferente da realidade urbana que sempre foi o palco da minha atuação profissional.

Os conceitos sobre psicologia comunitária foram preciosos e procurei primeiramente conhecer um pouco mais a dinâmica social em que aqueles professores e seus alunos viviam. O Vale do Jequitinhonha é uma região em que a cultura popular manteve-se preservada nas gerações. Vivem lá muitos artesãos, agricultores, fazendeiros, músicos e artistas populares; uma gente que sofre com a pobreza, mas que enfrenta com bravura as adversidades do clima e da vida no sertão.

O povo do Vale do Jequitinhonha é conhecido também pela sua boa hospitalidade e acolhimento. E na EFA não foi diferente. A demanda por discutir e instrumentalizar-se para compreender melhor os alunos e alunas era notória em todos os encontros com os professores e professoras, que mantinham olhares atentos e participavam ativamente do grupo.

O grupo era formado por vinte participantes e todos ficamos hospedados nas instalações da própria escola, que como funciona em regime de semi-internato possuía condições para acomodar a todos e todas. O que gerou um convívio para além do momento dos trabalhos e colaborou para o estabelecimento de vínculos.

O grupo funcionou de forma fechada, ou seja, nenhum participante entrou após os encontros terem iniciado. E não houve nenhuma evasão durante toda a Oficina. Fizemos seis encontros e os temas escolhidos foram: adolescência, relações de gênero, corpo e afeto, sexualidade, adolescência e contexto rural.

No primeiro encontro o tema explorado foi a adolescência. De forma interativa formamos grupos de discussão sobre a representação que eles tinham sobre o conceito. Posteriormente, discutimos teoricamente apoiados por autores como: Aberastury & Knobel (1992), Afonso (2001), Alves (1999).

No encontro sobre relações de gênero, foram levantadas questões e surgiram reflexões sobre os papéis das mulheres e dos homens no contexto rural. Eles trouxeram muitos elementos da realidade social em que vivem no mundo rural, onde existem fronteiras demarcadas nas relações de gênero. Discutiram, principalmente, a cristalização dos papéis de gênero em sua sociedade, onde mulheres e homens ocupam espaços sociais já estipulados historicamente.

A vida moderna e as novas configurações em relação ao gênero são também foco de reflexão e aparecem como um desafio a integração das novas idéias e a mudança de um estilo de

vida que foi sendo transmitido nas gerações criando um conjunto de regras que sofrem mudanças e transformações lentas.

Os encontros sobre o corpo e afeto e sobre sexualidade aconteceram de forma fluida e contínua. Foram momentos de trocas de experiência, informação e muitas dúvidas, pois a sexualidade e afetividade ainda estão cercadas de mitos e tabus. Destacaram-se discussões sobre saúde e cuidado com o corpo, doenças sexualmente transmissíveis, namoro, diversidade sexual, dentre outras.

O tema da adolescência e o contexto rural foi um espaço de reflexão em torno da vivência da adolescência no contexto rural. Os conflitos geracionais, a questão da falta de trabalho e oportunidades na zona rural, as migrações com finalidades educacionais e em busca de trabalho, e outras questões foram amplamente discutidas inclusive com o apontamento de algumas idéias de atuação com esses jovens.

No último encontro fizemos um apanhado de tudo o que foi discutido, esclarecendo as últimas dúvidas e questões. O grupo avaliou os ganhos obtidos com a troca de informações e aprofundamentos teóricos e a atuação que tinham até aquele momento comprometendo-se a pensar a proposta de novas formas de abordagem e compreensão da adolescência. Fizemos o encerramento e a avaliação da Oficina.

O grupo ficou muito satisfeito com o trabalho e demonstraram a intenção de promover novos encontros para continuar o aprofundamento nesta e em outras temáticas que perpassam suas práticas.

O *feedback* dos participantes foi sempre bastante positivo. Enquanto coordenadora, procurei cumprir o objetivo de facilitar a comunicação dentro grupo, informar e discutir teoricamente os temas e criar um ambiente propício ao desenvolvimento de um processo grupal produtivo para todos.

Posteriormente, o retorno institucional dado pela AMEFA também foi muito satisfatório e constatamos que o projeto cumpriu os objetivos e respondeu àquela demanda. Abrindo também a perspectiva para futuras parcerias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da Oficina sobre adolescência na EFA Bontempo foi um importante exemplo prático da utilização da metodologia de Oficinas em Dinâmica de Grupo no contexto da educação.

Ao trabalhar questões relativas à adolescência, meio rural, sexualidade, dentre outras, os participantes se viram às voltas com suas identificações e suas diferenças em relação às formas de agir e pensar dos jovens com quem trabalham.

Pensar a adolescência rural ainda é algo feito por poucos, pois remete a uma reflexão acerca de todo o conteúdo de valores e sentimentos que as pessoas que vivem num determinado contexto vivenciam. Ressalta a dimensão dialética em que os atores sociais transformam e são transformados pelo mundo em que se inserem.

Desse modo, esta Oficina cumpriu seu objetivo inicial de promover um espaço de aprendizado, trocas de experiências e novas elaborações que originarão uma nova postura e novas atitudes no que se refere ao tratamento e a convivência com as questões trazidas pela adolescência e a sua interface com o mundo rural.

BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. (1992). *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

AFONSO, L. (2001) *A Polêmica – Sobre Adolescência e Sexualidade*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.

AFONSO, L. (org). (2000). *Oficinas em Dinâmica de Grupo: Um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.

ALVES, R.. (1999). *E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais*. Campinas: Papirus.

ARROYO, M. (2001). *Ofício de Mestre – Imagens e Auto-Imagens*. Petrópolis: Vozes.

MAILHIOT, G.B. (1991). *Dinâmica e Gênese de Grupos – atualidades das descobertas de Kurt Lewin*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

NASCIMENTO, C. G. (2004). *Escola família agrícola: uma resposta alternativa à educação do meio rural*. Revista da UFG, Vol. 7, No. 01. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/Q02_escola.html. Acesso em: 01/12/2010.

PiCHON-RIVIÉRE, E. (2000). *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes.

PINTO, Mércia C.V. (2001). *Oficinas em Dinâmica de Grupo Com Adolescentes Na Escola: a construção da identidade e autonomia mediada pela interação social*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais.

RENA, Luiz C.C.B. (2001). *Sexualidade e Adolescência – As oficinas como prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica.

STENGEL, Márcia. (1996). *Obsceno é Falar de Amor? As Relações Afetivas dos Adolescentes*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais.

THIOLLET, M. (1985). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.